

© 1979 - Sage Publications, Inc.  
© 1986 - Princeton University Press

© 1997 - Copyright da tradução com os  
direitos cedidos para esta edição à  
DUMARÁ DISTRIBUIDORA DE PUBLICAÇÕES LTDA.  
Rua Barata Ribeiro, 17/Sala 202  
22011-000 - Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (021) 542-0248 - Fax: (021) 275-0249

*Tradução*  
Angela Ramalho Vianna

*Revisão*  
Argemiro de Figueiredo

*Capa*  
Gustavo Meyer  
*Desenho de:* M. C. Escher

*Editoração*  
Dilmo Milheiros

<b>UFRGS</b> <b>Biblioteca Setorial</b> <b>de Biblioteconomia</b> <b>e Comunicação</b>
Nº CHAMADA: 5.01 ~ 308710
Nº OBRA: 11234
Nº REGISTRO: 21056
DATA: 13.12.02
308710

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Latour, Bruno  
L383v A vida de laboratório : a produção dos fatos científicos / Bruno Latour,  
Steve Woolgar ; [tradução Angela Ramalho Vianna]. - Rio de Janeiro : Relume  
Dumará, 1997

Tradução de: La vie de laboratoire  
Inclui bibliografia  
ISBN 85-7316-123-X

I. Ciência - Filosofia. I. Woolgar, Steve. II. Título. III. Título: A produ-  
ção dos fatos científicos.

97-0910 CDD 501  
CDU 50:1

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por  
qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

## A VIDA DE LABORATÓRIO

A produção dos fatos científicos

BRUNO LATOUR  
STEVE WOOLGAR

RELUME  DUMARÁ  
Rio de Janeiro

## CAPÍTULO 1

---

### A ETNOGRAFIA DAS CIÊNCIAS

#### TRECHO DE UM DIÁRIO DE CAMPO\*

9.05: Wylie atravessa a sala e entra no escritório. Diz alguma coisa apressadamente. Fala que fez uma grande bobagem. Mandou o artigo... (o resto não se compreende).

9.05.3: Barbara entra. Pergunta a Jean que tipo de solvente deve usar nas colônias. Jean responde de dentro do escritório. Barbara vai embora, volta para sua bancada.

9.05.4: Jane entra e pergunta a Marvin: “Quando você prepara a intravenosa com morfina, a solução é salina ou só com água?” Marvin, que escreve sentado à mesa, responde sem levantar a cabeça. Jane sai.

9.06.15: Guillemín entra na sala e dá uma espiada nos escritórios, esforçando-se para juntar gente o bastante para fazer uma reunião de trabalho: “Esse é um negócio de 4 mil dólares. É preciso resolvê-lo no máximo nos próximos minutos.” Ele some.

9.06.20: Nick entra pela porta da seção de química. Entrega um frasco a Marvin: “Aqui estão seus 200 microgramas. Não esqueça de anotar o número de código no livro.” Nick sai.

---

\* Todas as referências a conversas e observações são feitas pelo número do diário, seguido do número da página dos dados do etnógrafo, Bruno Latour, durante os dois anos de trabalho de campo, 1975-1977. As demais referências, com nome de autor e data, estão na bibliografia.

Silêncio. A sala de reuniões está vazia. Mergulhados na penumbra, alguns pesquisadores escrevem, sentados às suas mesas. Através das vidraças vemos os outros, que trabalham no laboratório, em espaços profusamente iluminados.

9.09: Larry entra mastigando uma maçã. Lança uma olhadela ao último número de *Nature*.

9.09.1: Catherine entra, senta-se à grande mesa, desenrola folhas de computador e começa a preencher uma folha de papel quadriculado. Marvin sai do escritório, olha por sobre o ombro. “Humm, parece que vai indo bem.”

9.10: Uma secretária surge pela porta de entrada, vai ao escritório de Wylie, trazendo um artigo recém-datilografado. Discutem durante um tempo a respeito dos compromissos da agenda. “É para terça-feira, última chance”, diz ela.

9.10.2: Bem atrás dela entra Rose, a assistente encarregada das encomendas. Ela diz a Wylie que o aparelho que ele quer comprar vai custar 300 dólares. Conversam no escritório de John. Risos. Ela sai.

O silêncio volta.

9.12: Wylie começa a gritar, de dentro do escritório: “Ei, Marvin, você conhece um grupo que acha que as células cancerosas secretam somatostatina?” Marvin responde aos gritos, sem sair do lugar: “Li algo a esse respeito nos resumos da conferência de Asilomar; foi apresentado como um fato comprovado.” Wylie: “E o que eram esses dados?” Marvin: “Nem sei mais, eles observaram um crescimento de [palavra desconhecida] e concluíram que isso era por causa da somatostatina. Não lembro mais se testaram diretamente a atividade biológica. Talvez. Não sei.” Wylie: “Por que você não tenta na segunda-feira, no próximo bioteste?”

9.13: Nick e Catherine entram na sala ruidosamente, terminando uma discussão. “Não acredito em uma palavra deste artigo”, diz Nick. “Não”, responde Catherine, “está tão mal escrito. Com certeza foi redigido por um médico”. Lançam um olhar em direção a Marvin e caem na gargalhada. [...]

## TRECHOS DE UM COMENTÁRIO

Todo dia é assim. Os trabalhadores entram no laboratório, trazendo na mão sacolas de papel pardo com o almoço. Os técnicos começam imediatamente a preparar os biotestes, limpam as mesas de dissecação ou pesam produtos químicos. Recolhem as páginas de dados que saem dos contadores e das calculadoras que ficaram funcionando durante a noite. As secretárias sentam-se em suas máquinas de escrever e começam a corrigir os manuscritos, eternamente atrasados. Os pesquisadores chegam um pouco mais tarde, um depois do outro, trocando breves comentários sobre o que deve ser feito naquele dia. Depois de alguns instantes, vão para suas bancadas. Outros empregados depositam carregamentos de animais, produtos químicos e pilhas de correspondência. Dir-se-ia que o trabalho de todos eles é guiado por um campo invisível, ou que eles formam um quebra-cabeça quase terminado e que talvez chegue a se completar ainda hoje. Tanto os edifícios em que essas pessoas trabalham quanto as carreiras que seguem estão salvaguardados pelo Instituto Salk. O dinheiro do contribuinte norte-americano chega, todo mês, via National Institute of Health ou National Science Foundation. Às vezes há coletas privadas, organizadas para garantir o trabalho dos pesquisadores. As futuras conferências e exposições são ansiosamente aguardadas por todos. A cada dez minutos o telefone toca, ampliado em todo o laboratório pelo alto-falante das secretárias: é um colega, o responsável por um jornal, um funcionário. No laboratório há um fluxo contínuo de brincadeiras, de argumentos e de conselhos: “Por que você não tenta fazer isso?” Os grandes quadros-negros estão cheios de inscrições. Os computadores cospem listagens sem parar. Sobre as esquivinhas, acumulam-se páginas de dados que, pouco a pouco, cobrem os artigos dos colegas, generosamente anotados.

No final do dia, manuscritos, cópias e algumas amostras de substâncias caras embaladas em gelo seco foram remetidos pelo correio. Os técnicos já foram embora. A atmosfera fica mais relaxada. Corre-se menos. As brincadeiras entre os pesquisadores aumentam, eles, com os

pés em cima da mesa, bebem uma enésima dose daquele horrível café norte-americano, em copinhos de plástico. Hoje foram gastos alguns milhares de dólares. Alguns diapositivos, picos e vales, como ideogramas chineses, foram acrescentados ao botim do laboratório. Talvez tenha sido decifrado um caractere minúsculo do livro da natureza. Algumas intuições fortaleceram-se. Alguns enunciados tiveram sua credibilidade levemente aumentada ou diminuída, como os pontos do índice Dow Jones na Bolsa de Nova York. Talvez tenha sido um dia perdido. Talvez os animais tenham sido sacrificados em vão, talvez se tenha desperdiçado radioatividade nas culturas de células. Mas talvez, pelo contrário, algumas idéias minúsculas tenham se unido de forma mais estreita.

Agora um empregado filipino lava o chão e esvazia as latas de lixo. É um dia como os outros. O laboratório fica vazio. Só permanece o observador, que se interroga, com espanto, a respeito do que aconteceu diante de seus olhos e pergunta-se como chegou até ali.